Correio da Manhã

Circula em conjunto com:
CORREIO PETROPOLITANO
CORREIO SUL FLUMINENSE

Rio de Janeiro, Terça-feira, 3 de Outubro de 2023 - Ano CXXII - Nº 24.367

Mostra mergulha na filmografia de Petrus Cariry
PÁGINA 3

Alzira E volta a gravar lados B com a Corte
PÁGINA 5

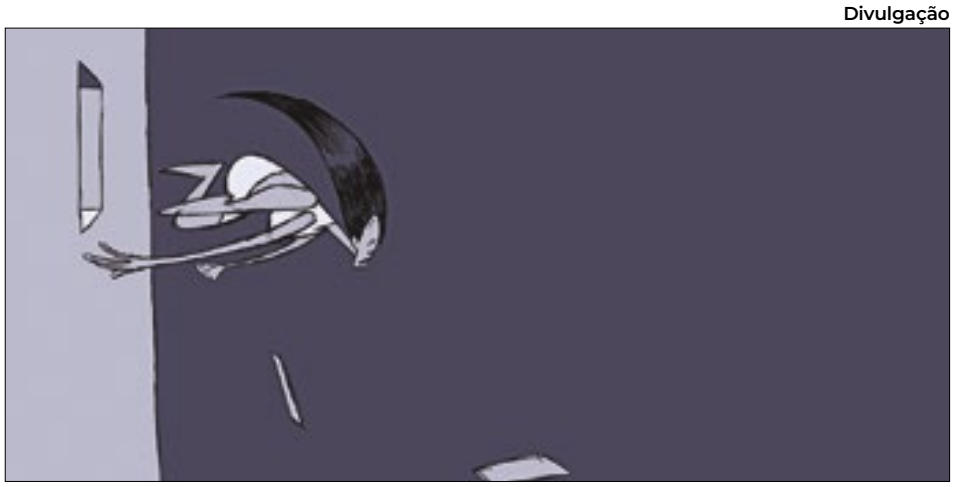
Montagem torna Shakespeare acessível a todos
PÁGINA 8

2º CADERNO

Divulgação

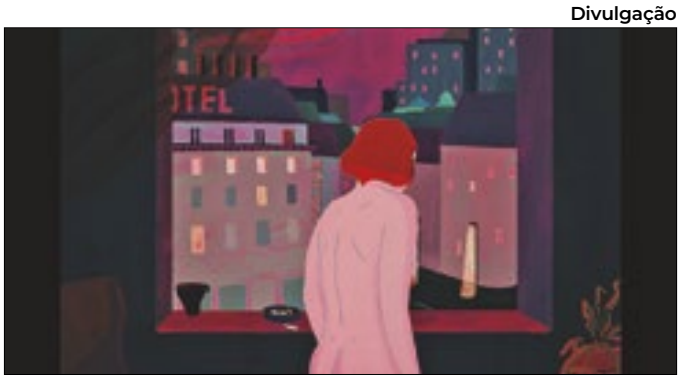
La Grotte Sacrée (Camarões)

Divulgação



Bizarros Peixes das Fossas Abissais (Brasil)

Divulgação



Flora (França-Hungria)

Animage, *a aquarela do Recife*

Nova edição de dos maiores festivais de animação nas Américas, realizado em Pernambuco, cartografa a produção do setor indo de Camarões a Nilópolis

Divulgação

Os Demônios do Meu Avô (Portugal)

Divulgação

The Nighthawk Is Not a Hawk (China)

Por **Rodrigo Fonseca** | Especial para o Correio da Manhã

É tempo de Animage. Um dos mais importantes festivais de animação das Américas, realizado anualmente em Pernambuco, inaugura nesta terça-feira sua 13ª edição, no Recife, ocupando as salas de projeção do Teatro do Parque, da Fundação Derby e do Cine da UFPE com atrações dos mais variados cantos do planeta, a começar por Nilópolis, berço de "Bizarros Peixes das Fossas Abissais".

O primeiro longa-metragem dirigido por Marcelo Marão, cineasta fluminense que tem 137 prêmios internacionais no currículo, vai abrir o evento, desfilando vozes ilustres como as de Natalia Lage, Rodrigo Santoro e Guilherme Briggs em seu elenco. **Continua na página seguinte**

CORREIO CULTURAL

Reprodução

Bares e microcervejarias ocuparão a região

A histórica Rua da Carioca vai se tornar a 'Rua da Cerveja'

A Prefeitura da Rio deu a largada para um projeto que busca impulsionar a ocupação de uma rua histórica do centro da cidade com microcervejarias, de forma a criar um polo turístico cervejeiro no local que será chamado de 'Rua da Cerveja'.

Para alavancar o projeto, a prefeitura irá integrar este a diferentes iniciativas de renovação que estão ocorrendo no centro do Rio e também dará subsídios financeiros que podem chegar até R$ 920 mil por cervejaria.

O local destinada ao projeto é a Rua da Carioca, uma rua histórica data do século 17 que entrou em decadência há cerca de 10 anos com a crise econômica e posteriormente com a pandemia.

Noite peruana

Consulado do Peru promove noite de cultura e gastronomia na Casa de Luzia, na Lapa, nesta quarta-feira (4). O público poderá conhecer os ritmos da música afroperuana e degustar pratos e bebidas típicos como o ceviche e o pisco sour.

Negócios do U2

U2 abriu em Las Vegas (EUA) a U2:UV Achtung Baby, a casa de shows mais avançada do planeta ao custo de cinco anos de construção e US$ 2,3 bilhões investidos.É o casamento mais definitivo entre rock'n'roll e alta tecnologia de entretenimento.

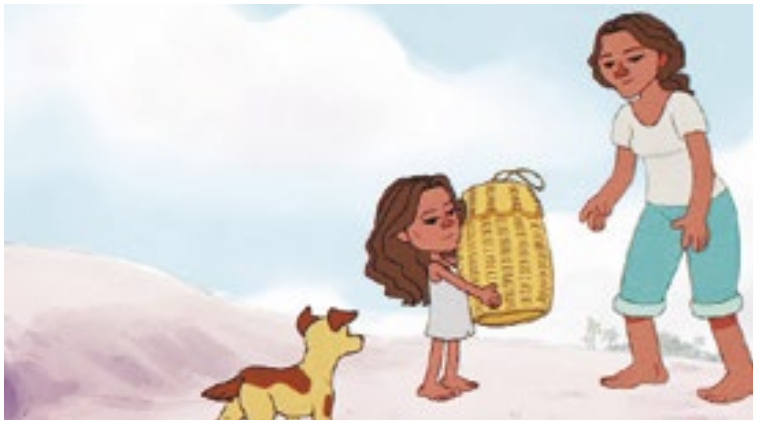
Gesto nobre

Deolane Bezerra se encontrou com o ator Marcos Oliveira, o Beiçola de A Grande Família, e doou a ele um valor de R$ 50 mil. Sem trabalhos desde 2014, o ator passa por grave situação financeira e passou a viver no Retiro dos Artistas.

Nome garantido

Rodrigo Simas estará no elenco do remake de "Renascer", cuja estreia em janeiro. O ator assinou o contrato nos últimos dias e será Zé Venâncio, um dos filhos de José Inocêncio, que será interpretado por Marcos Palmeira.

Divulgação



Ciranda Feiticeira (Brasil)

Um cardápio **globalizado**

Divulgação

Gromonmon (Ilha da Reunião)

Também no abre passa "Ciranda Feiticeira", novo curta do pioneiro animador pernambucano Lula Gonzaga, feita em duo com Tiago Delácio. No pacotão do evento está a produção francesa "Le Petit Nicolas: Qu'Est-ce Qu'On Attend Pour Être Heureux?", de Amandine Fredon e Benjamin Massoubre, que ganhou o troféu Cristal no Festival de Annecy (a Cannes dos longas animados) em 2022.

Tem ainda "Intersextion", de Richard Roger Reeves (Canadá); "Balcony Cacophony", Quentin Haberham (Holanda); e "The Nighthawk Is Not a Hawk", de Wang Junjie (China).

"Pela primeira vez no festival, haverá um filme da Ilha da Reunião, um país da África Oriental, no Oceano Índico: 'Gromonmon', de Laurent Pantaléon", conta o animador e crítico Júlio Cavani, organizador do festival e um de seus curadores.

"Teremos também um primeiro longa de Camarões, 'La Grotte Sacrée', que conta uma história anterior à colonização africana. A presença de filmes da República Tcheca não é uma novidade no festival, mas este ano vamos resgatar clássicos desse país, produzidos entre as décadas de 1940 e 1960, representados pelos mestres animadores Jirí Trnka e Hermína Týrlová. Isso é importante porque essa cinematografia de animação ainda está sendo descoberta aos poucos pelo Ocidente, pois esteve oculta durante décadas por questões geopolíticas".

Integram a equipe curatorial do Animage Chia Beloto (PE), Nara Aragão (PE), Radhi Meron (SP), Pâmela Peregrino (BA), Kalor Pacheco (PE) e Paola Becco (Argentina). Ao lado de Cavani, essa turma traz para o país a joia "27", da húngara Flóra Anna Buda. Ela não só estava na Competição Oficial do Festival de Cannes como venceu a Palma de Ouro de Curta.

Ainda em seu cardápio, o Animage oferece Mostra Africana, Mostra Brasil, Mostra Erótica, Mostra Retrospectiva Marão, Mostra Argentina Our Fest e uma seleção dedicada à obra de Hermína Týrlová. "A programação do festival procura ser sempre bem equilibrada territorialmente, sem ênfases, por exemplo, em países ou regiões do Brasil", explica Cavani. "No lugar de novas linguagens tecnológicas, o que chama mais atenção é a valorização dos processos clássicos mais artesanais, executados por mãos humanas, com resultados mais orgânicos. Exemplos disso são longas-metragens como 'Os Demônios do Meu Avô', o primeiro de Portugal em stop motion, e 'Bizarros Peixes das Fossas Abissais', o aguardado desenho animado surreal do instigadíssimo animador carioca Marão, quase todo desenhado em folhas de papel. Tem ainda 'Johnny & Me', animação alemã com uma combinação de técnicas, especialmente de fotomontagens e recortes. Há ainda 'Velhas Lendas Tchecas', um épico stop motion de 1952 restaurado com toda a sua potência".

Ao adotar como lar o polo audiovisual que revelou de "Baile Perfumado" (1996) a "Bacurau" (2019) – ou seja, Pernambuco -, o Animage passou a escoar a produção animada de seu estado e servir como vitrine para as experiências locais.

"Pernambuco comemorou 50 anos de cinema de animação em 2022. O marco inicial foi o curta-metragem 'Vendo-Ouvindo', de 1972, dirigido por Lula Gonzaga, que é o artista pioneiro do estado", conta Cavani. "Em 2023, Lula abre a programação com seu novo filme, 'Ciranda Feiticeira', codirigido pelo filho, Tiago Delácio. A produção pernambucana foi esporádica ao longo das primeiras décadas, mas cresceu muito nos últimos anos. No ano passado, foi lançado o primeiro longa-metragem pernambucano de animação, 'Além da Lenda', que está representado no Animage com a presença, no júri, do produtor Ulisses Brandão, responsável pelo frutífero estúdio de animação pernambucano Viu Cine. Neste ano, havia cerca de uma dezena de curtas-metragens inscritos, avaliados pela comissão de seleção do Animage".

ENTREVISTA / PETRUS CARIRY, CINEASTA

‘Eu me esforço para capturar a **autenticidade’**

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Duas décadas de serviços prestados ao cinema de invenção, iniciadas com o curta “A Ordem dos Penitentes” (2002), estão em retrospectiva no Centro do Rio, na Caixa Cultural (Rua do Passeio, 38), numa mostra dedicada ao realizador cearense Petrus Cariry. Dedicado aos longas-metragens a partir de 2007, quando lançou “O Grão”, ele desenvolveu uma forma poética de enquadrar o tempo e de analisar as mazelas de sua terra natal, seja em âmbito urbano ou rural – do mar ao asfalto. Longas como “Mãe e Filha” (2011) e “O Barco” (2018) deram-lhe prestígio internacional, em festivais como os de Havana, de Trieste e de Kerala. Esse tráfego dele pelas veredas da autoralidade estão em foco na programação da Caixa.

Nesta terça-feira (3), a mostra vai passar três filmes em sequência: “A Jangada de Welles” (2019), às 14h; “Clarisse ou Alguma Coisa Sobre Nós Dois” (2015), às 16h; e “A Praia do Fim do Mundo” (2021), às 18h. Na quarta-feira, dia 4, às 14h, o evento oferece uma aula sobre produção cinematográfica com a irmã do diretor, a produtora Bárbara Cariry, parceira essencial de sua obra.

No penúltimo dia da mostra, na quinta-feira, dia 5, às 14h, a atriz Silvia Buarque, estrela de filmes consagrados de Petrus e de Rosemberg Cariry (pai dele, consagrado como cineasta com “Corisco e Dadá”), vai ministrar uma aula sobre atuação no cinema e no teatro. Logo após, serão exibidos os já citados “O Barco” (às 16h) e “O Grão”, às 18h. No último dia, na sexta-feira, dia 6, às 18h, será exibido “Mais Pesado É O Céu”, que rendeu ao cineasta o troféu Kikito de Melhor Direção, no Festival de Gramado, em agosto.

Na entrevista a seguir, Petrus faz um balanço de que Ceará está em trânsito em sua narrativa.

Divulgação

Petrus Cariry: ‘Busco destacar as realidades cruas e complexas do Brasil’

Qual é o Ceará que está retratado nos seus filmes e de que forma você encontra um lugar na tradição audiovisual de seu país?

Petrus Cariry: Eu me esforço para capturar a autenticidade, os sonhos, as angústias e a beleza da vida cotidiana, sejam nas áreas urbanas ou rurais do Ceará. No que diz respeito à minha posição na tradição audiovisual do Brasil, vejo-me como parte de um movimento de cineastas que buscam contar histórias com um alcance universal, a partir de sua visão de mundo. Ao fazer isso, espero contribuir para a diversidade e riqueza do cinema brasileiro, destacando a singularidade da cultura e da paisagem do Ceará. Além disso, busco desafiar as convenções estabelecidas no cinema, experimentando com narrativas não lineares, imagens poéticas e ajustes na percepção de tempo. Estou sempre aberto ao diálogo com o mundo e tenho procurado realizar um cinema em trânsito, mesmo que seja todo ele rodado no Ceará. Procuro conjugar a estética a uma forma de narrar que revele novas dimensões do homem, mesmo quando esta dimensão se abre para a dor, solidão e a velhice.

De que maneira a Finitude e a maternidade, temas tão recorrentes em seu cinema autoral, carregam uma mirada política em sua forma de abordar o Nordeste?

A finitude e a maternidade são temas que, em minha abordagem cinematográfica, carregam uma mirada profundamente política em relação ao Nordeste. Para mim, a finitude representa a realidade crua da vida e da morte, que é uma parte inevitável da existência humana em qualquer lugar do mundo. No entanto, no Nordeste brasileiro, essa finitude muitas vezes se apresenta de forma mais acentuada devido às condições sociais e econômicas desafiadoras que a região enfrenta. A maternidade, por outro lado, é um elemento central em muitas das minhas histórias. Ela não é apenas um ato biológico, mas também carrega uma dimensão política e social profunda. As mães frequentemente desempenham um papel fundamental na sobrevivência e na resistência das famílias e comunidades. Elas enfrentam desafios inimagináveis e, ao mesmo tempo, demonstram uma incrível força e resiliência. Ao abordar esses temas em meus filmes, busco destacar as realidades cruas e complexas do Brasil.

O percurso profissional retratado na mostra da Caixa Cultural traduz o seu amadurecimento em relação a temas essenciais para o cinema brasileiro, como a luta das mulheres pela afirmação e os dilemas existenciais que rondam a pobreza e a luta pela sobrevivência. Mas o que o seu cinema carrega de sociológico em sua essência?

Meu cinema carrega uma abordagem sociológica que busca explorar e compreender as complexas dinâmicas sociais presentes no contexto do povo brasileiro. Embora meus filmes abordem temas como a luta das mulheres pela afirmação e os dilemas existenciais que cercam a pobreza e a luta pela sobrevivência, eles também buscam ir além da narrativa individual e mergulhar nas questões sociológicas mais amplas, que permeiam essas histórias. Ao retratar as vidas das pessoas, estou interessado em capturar a essência de suas experiências, revelando as estruturas sociais, econômicas e culturais que influenciam suas vidas. Isso inclui abordar as desigualdades sociais, as limitações impostas pela pobreza e as formas de resistência e de solidariedade que surgem em meio a essas circunstâncias.

Como funciona o polo industrial cearense como espaço de invenção audiovisual? De que forma o seu estado tem mantido sua imagem ativa e viva nas telas?

O cinema cearense desempenha um papel significativo como um espaço de invenção audiovisual no cenário brasileiro. O Ceará tem uma tradição de produção cinematográfica que se estende por várias décadas, e essa tradição continua a prosperar graças ao comprometimento de profissionais do audiovisual. O Ceará tem uma cena cultural vibrante, que nutre talentos locais e atrai profissionais do audiovisual de todo o Brasil. Além disso, tem festivais de cinema, como o Cine Ceará, e tem instituições de ensino superior, que têm desempenhado um papel fundamental na formação e no estímulo de novos cineastas. O governo do estado do Ceará tem tentado apoiar financeiramente projetos cinematográficos por meio de editais, permitindo que os cineastas independentes façam cinema.

Tiee em clima de subúrbio

Cantor e compositor transforma apresentações na Ilha de Itanhangá em 1º volume de projeto audiovisual

Arthur Rodrigues/Divulgação

Tiee (esquerda) recebe Rodriguinho em seu projeto audiovisual

O cantor e compositor Tiee lançou na última semana o volume 1 do audiovisual "Subúrbio", gravado na primeira edição do evento que o artista realiza com regularidade na Ilha Itanhangá, no região da Barra da Tijuca, e já reuniu 6 mil pessoas em suas três edições.

Deste trabalho, destaque para faixa "Luz na Escuridão / Advinha / Fatalmente" com a participação de Rodriguinho, que também divide os vocais em "Meu Querubim / Saudade de Você / Não Tem Hora e Nem Lugar".

Os outros convidados são Salgadinho e o artista revelação Paulinho. O primeiro canta "No Compasso do Criador / Recado a Minha Amada / Ainda Resta Uma Bagagem" e "Mundo dos Meus Sonhos / Tu Mandas no Meu Coração / Inaraí". Já Paulinho, participa do pout-pourri "Deixa Alagar / Só Depois / Já Virou Rotina".

O trabalho conta ainda com sucessos do samba e pagode, como "Pago Pra Ver / Supera / Telegrama", "Ainda Gosto de Você / Temporal / Mina de Fé", "É Tanta / Quando Acabou / Vinho e a Taça", "Que Situação / Melhor Amiga / Dêre", "Beijo Doce / Uma Namorada / Me Faz Feliz" e "Chega Pra Sambar / Hoje Vou Pagodear", "Poder de Sedução / Cabelo Pixain". Além destes, não poderia faltar a canção autoral "Moça", que soma mais de 27 milhões de reproduções nos aplicativos de música.

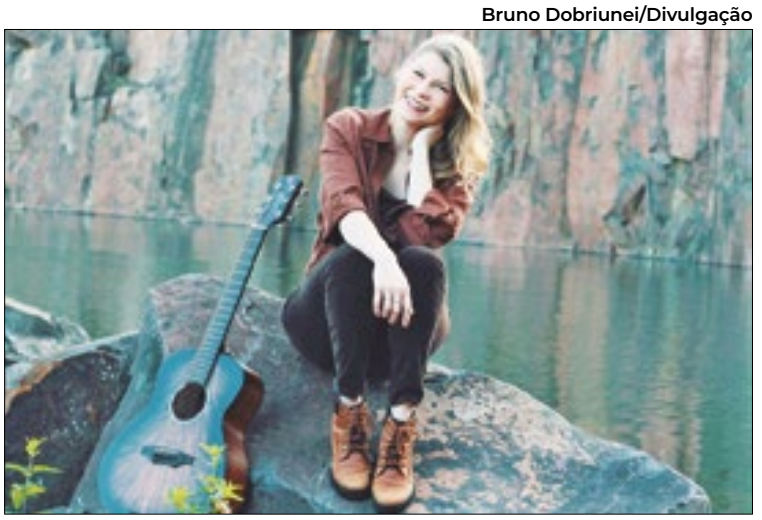
Este evento, que virou audiovisual, é uma reedição do "Capadócia", projeto que recebeu mais de 300 mil pessoas, entre 2018 e 2021, e era feito pelo artista, toda segunda-feira, em Marechal Hermes.

Na época, Tiee também publicava as apresentações no YouTube, acumulando, até os dias de hoje, mais de 20 milhões de visualizações.

Vicka aciona o modo romântico

Cantora e compositora aborda o amor puro no EP 'Entrega'

Bruno Dobriunei/Divulgação



Vicka: 'Cada música desvenda diferentes matizes do amor'

Romântica demais, Vicka está determinada a provar que o amor puro e verdadeiro ainda está entre nós. Inspirada em seu relacionamento, a artista divulga seu mais novo trabalho, o EP "Entrega", em todos aplicativos de música. O projeto chega com cinco canções, sendo uma inédita e uma versão acústica, dias após declaração nas redes ao namorado João. Show de lançamento está programado para 13 de outubro em Cascavel (PR), sua cidade natal..

Produzido por Renato Patriarca, com influência forte da Música Brasileira nas linhas harmônicas e melodias, o EP é uma coleção de faixas que mergulham profundamente nas complexidades do amor e das emoções. "Cada música explora uma perspectiva sobre a paixão, sensibilidade e vulnerabilidade dos sentimentos até a celebração da certeza do amor e desvenda diferentes matizes deste amor", explica Vicka que detalha cada uma das faixas.

"Romântica Demais" nos lembra da beleza de se entregar sem reservas. "Já deu Certo" celebra a alegria de encontrar alguém que se encaixa perfeitamente em nossa vida. "Como tinha que ser" captura a jornada do destino e a magia do encontro. "Eu só queria que você soubesse" completa o repertório do projeto, que soma aos três singles já lançados ainda uma versão acústica de "Romântica Demais".

A canção inédita é uma expressão honesta e vulnerável de sentimentos não ditos. "É a narrativa de alguém que deseja revelar suas emoções mais profundas a alguém especial, mas que talvez nunca tenha encontrado as palavras certas. A música capta a ansiedade, a urgência e a beleza de compartilhar sentimentos autênticos", completa a artista.

O vídeo, dirigido por Vinicius Perez Valentim da Silva, representa com simplicidade e criatividade a necessidade de expressar o que se sente. O cenário minimalista deixa espaço para a interpretação e destaca a expressividade do violão e da voz na canção.

Cantora, compositora e instrumentista, a artista paranaense já completou mais de 10 anos de história com a música. Vicka começou a se apresentar aos 12 anos, teve suas primeiras canções gravadas em estúdio aos 16, e hoje com 27 anos se destaca entre os artistas da nova geração. A cantora já soma mais de 26 milhões de streamings em suas canções e 4 milhões visualizações no clipes no Youtube.

‘As músicas me soam muito como um grito. Um grito de revolta’

Divulgação

‘Mata Grossa’, álbum de Alzira E e Corte, constrói atmosfera mais pesada do que o trabalho anterior, de 2017

Alzira E e banda Corte lançam um disco com som ainda mais pesado que o de estreia

Por **Pérola Mathias** (Folhapress)

Quando Alzira E mostrou ao baixista Marcelo Dworecki, da Bixiga 70, músicas ainda não gravadas, parte de um repertório de composições lado B, ele ficou com aquilo na cabeça até que, tempos depois, chegou com uma proposta: ela se aliar a ele e mais três músicos, os seus colegas de banda Cuca Ferreira e Daniel Gralha, nos sopros, mais Fernando Thomaz na bateria.

Desse encontro resultou o primeiro disco, lançado em 2017, que leva o nome que batizou a banda, “Corte”. O lançamento impressionou por trazer uma sonoridade pesada, cheia de distorções e dissonâncias. Com “Mata Grossa”, trabalho que chega seis anos depois, não é diferente. “A gente achou que não ia fazer um disco mais pesado do que o primeiro, mas acabou ficando”, diz a cantora e compositora. “Isso porque as canções tem uma espécie de linha condutora que as une”.

Divulgação

As faixas provocam a impressão de que há uma tentativa de libertar-se de qualquer tipo de enquadramento ou amarra com relação às regras e significados do que é a vida. A própria Alzira confirma. “As músicas me soam muito como um grito. Um grito de revolta, um grito de reflexões mais profundas sobre o mundo, sobre a humanidade. São músicas destinadas a essa força, a esse som forte, mais cru.”

Esse mergulho no avesso do que conhecemos do trabalho de Alzira E -ou seja, seus primeiros discos solo, em gravações com a irmã Tetê Espíndola ou junto à vanguarda paulistana, em especial Itamar Assumpção - começa já pelo título do disco. “Mata Grossa” faz uma referência óbvia à origem da compositora, nascida no Mato Grosso do Sul, invertendo o nome do estado para o feminino e criando polissemia.

Foi dessa sacada que saiu a inspiração para a canção “Mata Rara”, dela com Iara Rennó, na qual desenham um novo mundo que se abre em flor, fincado na ancestralidade feminina e aberto à visceralidade. “Na mata grossa, a mátria goza”, apontando aspirações para o futuro e a irreversibilidade do que já temos no agora. São os lados afável e selvagem da natureza.

O disco traz algumas participações especiais. Além de Iara Rennó, Luz Marina e Tetê Espíndola na faixa de abertura, Alzira conta com a voz de Ney Matogrosso, seu conterrâneo e parceiro de décadas, em “Filha da Mãe”, a única composição que assina sozinha.

“Eu perguntei se ele queria conhecer uma música que eu estava gravando com a banda Corte, que ele adora e viu ano passado. Depois falei que eu queria que ele cantasse junto. Ele falou ‘claro, eu topo.’”

A última participação é do compositor Peri Pane em “Beabá”, que Alzira fez a letra e ele a música. Os dois conviveram intensamente ao longo do período de apresentação do disco “O Que Eu Vim Fazer Aqui”, de 2014, no qual ele também participou. A faixa fala sobre o convívio e ganhou vida durante a pandemia.

Outro parceiro de composição de Alzira é Tiganá Santana, que também assina junto com ela diversas músicas do primeiro disco do projeto. Segundo ela, foi ele quem falou a primeira vez a expressão “mata grossa”.

A amizade dos dois começou em 2011 e, desde então, vem rendendo boas canções, apesar de parecer que cada um habita universos completamente diferentes - ele, baiano, compõe em português e yorubá, totalmente ligado às tradições e culturas de matriz africana; ela, que passeia naturalmente tanto pelas sonoridades pantaneiras, quanto pela vanguarda paulistana. Por isso, ele brinca dizendo a ela “Alzira, você me transformou em rock’n’roll”.

Não há dúvidas de que todos esses encontros que atravessam o projeto colaborativo entre Alzira E e a banda Corte é mesmo rock, mesmo que não seja sobre o estilo em sua forma já determinada. Há uma atitude subversiva no posicionamento dos instrumentos - por exemplo, quando o que seriam riffs de guitarras vêm dos sopros -, há o mencionado grito das ideias e a necessária projeção da voz.

São desafios que ficam evidentes em “Coiote”, uma das parcerias com Tiganá Santana, com os versos “Por que cantar?/ Por que não se guiar/ Pelo mapa que altera o lugar?/ Arrefecer a fogueira em você/ Quando o peito parece entender”. A questão retórica é uma resposta ao entorno, um chacoalhão que só uma artista cuja carreira inteira se pautou no mergulho na experimentação de ritmos e ideias poderia dar.

E que, sem medo, integra um projeto distinto de tudo que vinha fazendo até então.

‘Não gosto de **dar o passo** maior do que **acho que posso dar’**

Fátima Bernardes diz não ter medo de se arriscar com novo programa prestes a estrear no GNT

Reprodução Instagram

Fátima: ‘Tenho a ilusão de que tudo meu é muito planejado’

A apresentadora Fátima Bernardes se diz ansiosa e preparada para iniciar o comando do novo programa do GNT Assim Como a Gente, com estreia programada para o dia 13, às 21h30.

A partir desta data, ela entrevistará celebridades para promover debates junto a uma pequena plateia nos Estúdios Globo.

“Cada programa tem um tema principal, este primeiro foi sobre etarismo. Falamos de outras coisas, mas o motivo da junção dessas duas pessoas é sempre um assunto central”, diz ela.

Dentre os famosos que vão marcar presença, destaque para Vera Fischer e Paolla Oliveira e para Ludmilla e Lulu Santos, estes, já na estreia, conversando sobre sexualidade.

O projeto surge após Fátima ficar 10 anos no Encontro e comandar as últimas edições do The Voice Brasil, ambos da Globo. E ela afirma que não há medo de arriscar.

“Tem uma hora em que você fala: ‘Tem risco? Tem, mas agora já dá para correr risco’. Não estou naquele início em que você pensa: ‘Poxa, se der errado vão dizer que não consigo’. Tenho uma história. Pode ser que um dia tenha um projeto que não seja tão legal. Aí vão dizer que não sei fazer? Não, já tenho maturidade para ver que não funcionou e tentar por outro lado”, diz.

“Tenho a ilusão de que tudo meu é muito controlado, organizado e planejado. Não gosto de dar o passo maior do que acho que posso dar”, afirma.

FERNANDO MOLICA

"Em meio a tantas fake news, o jornalismo ganhou uma importância ainda maior ao fornecer informações corretas e análises que ajudam o leitor a tomar suas decisões."

Fernando Molica

Carioca, jornalista e escritor, trabalhou em publicações como 'Folha de S.Paulo', 'O Globo', 'O Estado de S.Paulo' e 'Veja' e na TV Globo, CNN e CBN. Recebeu, entre outros, os prêmios Vladimir Herzog e Embratel de jornalismo. Autor de nove livros, entre eles, seis romances, é botafoguense e mangueirense.

No 'Correio da Manhã', Fernando Molica é responsável por duas colunas diárias: um artigo de opinião que trata de cultura e política e o Correio Nacional, que traz em forma de notas curtas, informações exclusivas sobre política, administração pública e universo empresarial.

Correio da Manhã Correio Petropolitano Correio Sul Fluminense

“Democracia e liberdade de expressão são o oxigênio do jornalismo. O jornalismo não sobrevive sem elas”

Rudolfo Lago

RUDOLFO LAGO

Formado pela Universidade de Brasília, Rudolfo Lago tem 37 anos de profissão, especialmente na cobertura de política. Responsável por furos como o dos Anões do Orçamento e a série de reportagens que levaram à cassação do ex-senador Luiz Estevão. Vencedor do Prêmio Esso, entre outras premiações.

No Correio Político, o leitor conhecerá os meandros, os bastidores, do poder em Brasília, na Esplanada dos Ministérios. Histórias que ajudarão a entender por que as decisões são tomadas ou não nos três poderes da República.

ENTREVISTA / MARY DEL PRIORE, HISTORIADORA

Divulgação

‘Faltam mulheres na ABL e na vida pública em geral’

Por **Cleo Guimarães** (Folhapress)

Marcada pela polarização entre dois candidatos indígenas, Daniel Munduruku e Ailton Krenak, a eleição para a cadeira número cinco da Academia Brasileira de Letras acontece nesta quinta-feira (5), e traz mais uma personagem de destaque na disputa: a historiadora carioca Mary Del Priore.

Doutora pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e pós-doutora pela pela École des Hautes Études em Sciences Sociales de Paris, Mary tem quatro prêmios Jabuti em sua estante e diz ter aceitado o convite para se candidatar à ABL porque a vaga foi aberta com a morte de José Murilo de Carvalho, historiador como ela.

Mary acompanhou a desavença pública entre seus concorrentes publicada pela Folha na última terça-feira, e diz torcer para que a briga entre Krenak e Munduruku não mude o rumo do resultado da eleição, ainda que o clima bélico entre os dois possa vir a beneficiá-la. “Que seja eleito aquele que for mais útil para a ABL”. Ela concedeu a seguinte entrevista à reportagem:

Fala-se muito na disputa entre Ailton Krenak e Daniel Munduruku à cadeira cinco da Academia Brasileira de Letras. A senhora está no páreo, apesar de, aparentemente, não ser favorita. Acha que consegue virar o jogo?

Mary Del Priore - As eleições não são partidas de futebol onde se vira o jogo. No caso da Academia a disputa é para se escolher alguém que possa contribuir para a missão de trabalhar pelas letras, pela língua e pelo conhecimento. Todos os inscritos têm algo a oferecer.

E o que te credencia a esta vaga?

O que me credencia? Minha obra.

É verdade que te estimularam a abrir mão da candidatura porque a ABL quer sinalizar seu apreço pelas pautas identitárias: eleger um índio agora e, em seguida, uma escritora negra?

Essa informação é falsa e, ao contrário, fui convidada a participar da eleição. O que me levou a aceitar foi a característica da vaga. Tal como ocorreu com a vaga de Ivo Pitanguy, que foi preenchida por um médico, pensei que seria normal a de um historiador ser preenchida por um historiador. Aliás, há dezenas de excelentes colegas que brilhariam nessa seleção.

A senhora acha que faltam mulheres na Academia?

Sim, faltam mulheres na ABL e na vida pública em geral. Pois fora dela, e segundo o IBGE, somos 51,1% da população.

O que achou da briga entre Munduruku e Krenak pela “vaga indígena”? Esqueceram que você está na disputa?

Tenho certeza que ambos irão superar um momento natural de desgaste. Os interesses dos povos originários são maiores e eles sabem disso. Ambos os representam.

Caso não se eleja agora, pensa em se candidatar de novo futuramente?

Sou sempre convidada a integrar as academias as quais pertenço. Se for novamente convidada, será um prazer trabalhar para que Letras e História se deem as mãos.

Em algum momento a senhora pensou em desistir?

Sou excelente esportista. Tenho fair-play.

Como trabalha na sua campanha?

Minha campanha atendeu as diretivas da casa: carta, envio de livros e telefonema. Sou discreta e quero deixar os acadêmicos à vontade. Jamais me imporia além do rito estritamente necessário.

Como encara o fato de as mulheres da ABL não estarem apoiando você com entusiasmo?

Não desejo apoios de mulheres porque sou mulher. Mas porque sou a historiadora que sou. As acadêmicas devem pensar do mesmo jeito.

Em relação aos seus dois principais adversários, Krenak e Munduruku: conhece a obra de ambos? Tem relacionamento pessoal com eles?

Não os considero adversários, mas profissionais das palavras que estão lutando, como eu, para levar suas ideias e ações adiante. Conheço bem e admiro sinceramente Daniel Munduruku, cujas obras valorizam a diversidade de nossos país. Além do que, é professor como eu fui. Sei bem as dificuldades que enfrenta quem está no Ensino privado ou público.

A desavença pública dos dois pode te beneficiar?

Espero que não. A boa prova é aquela em que todos podem concorrer em situação de igualdade. E que se eleja aquele que for mais útil para a ABL.

Ricardo III e a **contemporaneidade**

Montagem da Cia Atores da Fábrica apresenta um Shakespeare atemporal e fora do pedestal elitista

Divulgação

Alexandre O. Gomes contracena com a ossada do monarca inglês

Com a proposta de refletir sobre poder, ambição e corrupção, além de afirmar que Shakespeare pertence a todos os tipos de público, a Cia Atores da Fábrica, apresenta o espetáculo "Ricardo III - Um Homem do Seu Tempo", sob a direção de Wellington Fagner, supervisão de Julio Adrião e protagonizado por Alexandre O. Gomes, em uma nova temporada no Teatro Café Pequeno, no Leblon, com estreia nesta terça-feira (3), às 20h.

A peça é um solo narrativo, que através de uma linguagem periférica, tem como ponto de partida a descoberta da ossada do monarca, Ricardo III, no ano de 2012 na cidade de Leicester, o que veio, segundo os ingleses, trazer sorte para o time de futebol Leicester City, culminando na conquista do campeonato inglês em 2016. Uma bola de futebol, uma capa, uma espada e três esqueletos são alguns dos elementos usados para contar essa história, reafirmando o quanto a obra de Shakespeare pode ser acessível.

O ator Alexandre O. Gomes reflete sobre a necessidade de reivindicar o espaço do dramaturgo no cenário periférico contemporâneo. "Shakespeare era periférico. A elite o coloca em um lugar que não é real. Suas obras eram populares para aquela época e ao trazê-la para os dias atuais devemos manter sua essência popularesca, tornando-a acessível a todas as pessoas. Isso também é uma política de afirmação territorial, onde montar um Shakespeare periférico é dizer que, nós periféricos, precisamos de acesso a outros espaços", afirma.

Em tempos onde as questões de corrupção se mantêm persistentemente atuais, a peça convida à reflexão. "Infelizmente, o tema da corrupção ainda é atual, talvez porque não evoluímos o bastante enquanto seres humanos, daí a sede pelo poder e a ganância vem à tona e se manifesta através dos tempos principalmente na política. Em Ricardo III, Shakespeare levanta essa questão e nos faz refletir sobre ela ainda hoje", comenta Alexandre.

Como um envolvente solo narrativo, Alexandre se metamorfoseia, alternando entre os muitos personagens, trazendo cada um à vida com diferentes nuances. Ele é acompanhado do músico Mateus Amorim, responsável por criar uma paisagem sonora ao vivo, utilizando instrumentos de percussão, metais, e objetos improvisados como taças e peças de carro. Alexandre destaca a importância dessa apresentação no teatro Café Pequeno como uma política afirmativa. "A história da sociedade é sem dúvida a história da luta de classes. Estar em cartaz com essa peça, neste lugar, nos permite dizer que Shakespeare não é uma propriedade intelectual da burguesia", destaca o ator.

Esta encenação não apenas se preocupa em trazer a essência de Shakespeare para os tempos modernos. "Podemos acessar Shakespeare sem muitas elucubrações e misticismo. Ele foi e ainda é popular, não pertencente a uma classe dominante, e todas as pessoas podem entendê-lo", conclui.

A Cia Atores da Fábrica é formada por alunos e ex-alunos, da escola Fábrica dos Atores e Materiais Artísticos (Escola livre F.A.M.A.), e vem desenvolvendo, uma pesquisa de linguagem fundamentada no teatro físico, sempre com cunho político social, tendo ao longo dos anos montado espetáculos como "O Auto da Compadecida" de Ariano Suassuna com direção de Alexandre o. Gomes, "Construção" com direção de Alexandre o. Gomes e supervisão de Amir Haddad, o infanto juvenil "O mágico de Oxênte" com direção de Alexandre o. Gomes e Wellington Fagner, espetáculo esse que ganhou 17 indicações e oito prêmios em festivais, tendo realizado circuito Sesi Cultural no ano de 2017. A companhia também participou de importantes festivais como A Ponte, do Itaú cultural; Encontrarte, Festival de Curitiba e intercâmbios internacionais. Ganhou em 2017 o prêmio Shell com a Rede Baixada Em cena, na categoria Inovação.

SERVIÇO

RICARDO III - UM HOMEM DO SEU TEMPO
Teatro Café Pequeno (Av. Ataulfo de Paiva, 269, Leblon)
De 3 a 26/10, às terças e quartas (20h) | Ingresso: R$ 40 e R$ 20 (meia)